



Corporificar e
territorializar.
Pesquisa artística
em territórios
insulares
da Baía de Guanabara

Walmeri Ribeiro

Brasil. Universidade Federal Fluminense

Nathalie S. Fari

Brasil. Universidade Federal Fluminense

Cesar Baio

Brasil. Universidade Estadual de Campinas

Ruy Cezar Campos

Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro

Corporificar e territorializar. Pesquisa artística em territórios insulares da Baía de Guanabara

Resumo

Este artigo se baseia nos pontos em comum das práticas artísticas em conexão com as relações entre território, corpo e o Antropoceno. Ao investigar o território como um "co-autor" de nossas narrativas individuais e coletivas, lançamos luz sobre as intervenções artísticas e/ou ações performativas que realizamos durante as residências artísticas do projeto socialmente engajado Territórios Sensíveis, especificamente em dois lugares insulares da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, Brasil: "Colônia Z-10" e "Ilha de Paquetá". Ao observar como as questões ambientais que afetam esses lugares podem ser abordadas por meio de práticas artísticas, buscamos as maneiras pelas quais as dimensões micropolíticas e imaginárias podem ser reforçadas ou restauradas à luz da atual crise climática global.

Palavras-chave

Território, corpo, territorializar, corporificar, performance como pesquisa, arte socialmente engajada

Corporificar y territorializar. Investigación artística en territorios insulares de la Bahía de Guanabara

Resumen

Este artículo parte de los puntos comunes de las prácticas artísticas en torno a las relaciones entre territorio, cuerpo y Antropoceno. Indagando en el territorio como "coautor" de nuestras narraciones individuales y colectivas, arrojamos luz sobre las intervenciones artísticas y/o acciones performativas que llevamos a cabo durante las residencias artísticas del proyecto socialmente comprometido Territorios Sensíveis, concretamente en dos lugares de la Bahía de Guanabara, en Río de Janeiro, Brasil: "Colônia Z-10" e "Ilha de Paquetá". Al observar cómo los problemas ambientales que afectan estos lugares pueden abordarse a través de prácticas artísticas, buscamos formas en que las dimensiones micropolíticas e imaginarias pueden reforzarse o restaurarse a la luz de la actual crisis climática global.

Palabras clave

Territorio, cuerpo, territorializar, encarnar, performance como investigación, arte socialmente comprometido

Embodying and Territorializing. Artistic Research in Island Territories of Guanabara Bay Abstract

This article builds upon the commonalities of artistic practices in connection with the relationships between territory, body, and the Anthropocene. By investigating the territory as a "co-author" of our individual and collective narratives, we shed light on the artistic interventions and/or performative actions we carried out during the artistic residencies of the socially engaged project Sensitive Territories, specifically in two island places of Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil: "Z-10 Colony" and "Paquetá Island". By observing how the environmental issues that affect these places can be addressed through artistic practices, we seek the ways in which the micropolitical and imaginary dimensions can be reinforced or restored in light of the current global climate crisis.

Keywords

Territory, body, territorializing, embodying, performance as research, socially engaged art

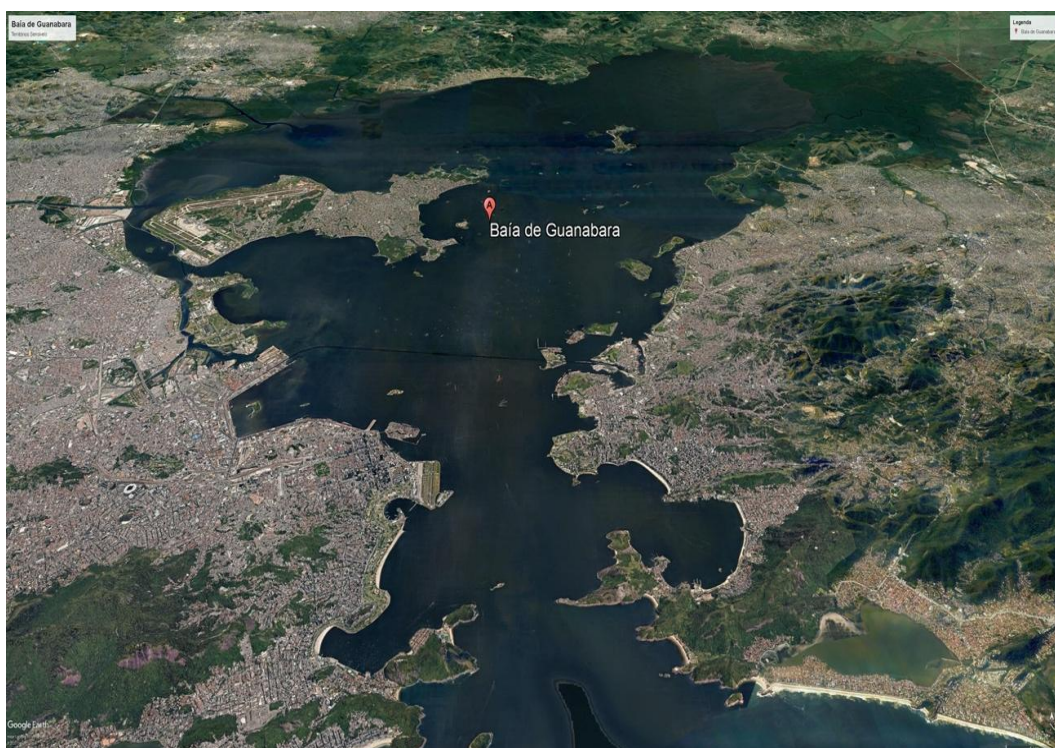


Fig. 1 - Baía de Guanabara - imagem do Google Earth

Introdução: Ações entre corporificar e deslocar

Em face da atual crise global, especialmente no contexto brasileiro de colonização e exploração excessiva de seus recursos naturais, o projeto *Territórios Sensíveis*¹ vem estabelecendo, desde 2014, colaborações entre artistas-pesquisadores, cientistas, ambientalistas e comunidades locais em todo o Brasil. Com foco nos impactos das mudanças climáticas e nos modos de vida contemporâneos, essas colaborações vêm propondo diferentes modos de coexistência e cocriação entre humanos e entidades não humanas, fortalecendo formas ético-políticas e participativas de fazer arte.

Ao longo de 2019, o projeto foi realizado na altamente poluída Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, especificamente em dois locais: "Colônia Z-10" (uma das primeiras vilas de pescadores do Brasil), que pertence à Ilha do Governador, e a Ilha de Paquetá. Há mais de 100 anos, a "Colônia Z-10" (localizada às margens do rio e nos manguezais do rio Jequiá) e suas várias famílias de pescadores estão em terras doadas pela Marinha do Brasil. Atualmente, está completamente sufocada pela poluição das águas do rio

¹ O projeto Territórios Sensíveis é apoiado pela FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro| bolsa "Jovem Cientista Nosso Estado" - E-26/202.778/2019. E, entre 2019-2020, o projeto contou com um subsídio do Prince Claus Fund e do Goethe Institut.

Jequiá e da Baía de Guanabara e, como resultado, apenas 400 dos 5.000 habitantes ainda podem viver da pesca. Essa forte poluição faz parte do cotidiano da comunidade, criando sérios problemas de saúde que permanecem quase imperceptíveis para esses corpos asfixiados pelo sistema neoliberal.

Paquetá também tem uma história de pesca, mas a ilha é mais conhecida por seu apelido de "Ilha dos Amantes". Como, no passado, a ilha era conhecida por suas praias paradisíacas, não só o Rei de Portugal costumava passar suas férias lá, mas também a famosa novela "A Moreninha" foi filmada na década de 70. No entanto, atualmente Paquetá enfrenta problemas semelhantes aos da "Colônia Z-10", que, em resumo, podem ser descritos como a movimentação entre um passado distante e um futuro próximo, entre as tradições locais e a crise ambiental, e/ou entre a sobrevivência e a formação de novas narrativas.

Nesse cenário conturbado, foram realizados quatro laboratórios artísticos, reunindo um grupo de doze artistas e dez colaboradores. Esses laboratórios consistiram em ações performativas, práticas somáticas, oficinas, performances e discussões. Ancorados na metodologia de Performance como Pesquisa - PAR (Arlander, 2017; Hunter, 2009), esses laboratórios tinham como objetivo produzir uma forma de conhecimento incorporado e situado, sempre com foco no processo de criação e no envolvimento com as comunidades locais. Além disso, eles serviram como estrutura para investigar conceitos como território (Haesbaert, 2013), *embodiment* (Spatz, 2015; Massumi, 2002) e *emplacement* (Pink, 2015). Para nós, esses conceitos funcionaram de duas maneiras diferentes: por um lado, como uma força motriz para as ações propostas nas ilhas e, por outro, como uma fonte para aprofundar a relação entre o corpo e o território.

Em termos de Rogério Haesbaert (2013) sobre considerar o território da América Latina como uma compreensão complexa da processualidade, as especificidades das duas ilhas e o cenário mais geral da Baía de Guanabara nos ofereceram a) um terreno comum no qual novas relações e caminhos de vida foram criados, b) um processo dinâmico por meio do qual alguns aspectos particulares das questões sociopolíticas e ambientais das ilhas vieram à tona e c) uma maior consciência em relação aos nossos corpos e às maneiras pelas quais ele está sempre situado e atravessado pelas trajetórias multidimensionais, materiais e imateriais de um território. Além disso,

vemos nossas práticas artísticas e corporais não apenas como pertencentes ao campo da arte socialmente engajada, mas também à tradição da arte performática brasileira dos anos 60 e 70 do século passado (por exemplo, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape), que tem influenciado as maneiras pelas quais esse corpo situado (ou latino-americano) é vivificado e/ou manifestado.

Esta escrita colaborativa fornecerá uma visão de quatro das doze ações que foram realizadas durante os laboratórios acima mencionados, enquanto compartilha alguns dos múltiplos emaranhados, nós e trajetórias que emergiram das águas da Baía de Guanabara.

"Colônia Z-10": Corpos em movimento com o mangue do Jequiá e a degradação petro-política

Cercada pelo rio Jequiá e pelo mangue, a colônia Z-10 guarda camadas de memórias históricas do que significa viver na Baía de Guanabara; uma zona de sacrifício² devido ao progresso de uma indústria petrolífera devastadora. Surpreendentemente, os habitantes dessa comunidade não estão tão conscientes da importância desse ecossistema de mangue para a manutenção de suas vidas diárias. Ao reconhecer sua existência e memória, os artistas e os habitantes locais se engajaram em um tipo de criação de lugar no qual o mangue e suas raízes voadoras foram colocados no centro do palco. Dessa forma, seus corpos entraram em um processo de deslocamento constante, apontando e atravessando questões que formam um conhecimento incorporado, que, segundo Brian Massumi (2002), enfatiza a dimensão experiencial de um corpo em movimento.

Em sintonia com essa ideia, Walmeri Ribeiro e Ruy César Campos realizaram as seguintes ações. No caso de Walmeri (imagem 1), ela trabalhou com as crianças da Colônia por meio das ações simples de respirar, meditar, sentir, ouvir e sonhar. Como podemos respirar com o mangue? O que ele traz para nós? A partir de uma experiência sensorial, surgiram surpresas, sonhos e aprendizados que depois foram transformados em desenhos e frases. Essa ação promoveu a descoberta do mangue

² Naomi Klein entende os territórios em uma economia extrativista como "para seus extratores, de alguma forma não contam e, portanto, podem ser envenenados, drenados ou destruídos de outra forma, para o suposto bem maior do progresso econômico". (Klein, 2014, p. 169)

como parte de seus corpos/casas, bem como a descoberta de seus movimentos, sons e raízes voadoras.



Fig. 2: Ação com as crianças - Fotos de Alessandro Paiva

Link: <https://takemetotheriver.net/motion-to-recover/colonia-z-10-residency>

Em seguida, Walmeri convidou os moradores, bem como os colaboradores e os artistas do projeto, a participarem de uma ação performática junto ao mangue e ao muro/frente das casas construídas irregularmente nas margens do rio, provocando o sufocamento daquele ecossistema. Em um simples gesto de ficar imóvel e respirar com os olhos fixos em um determinado ponto do mangue, foram dadas as seguintes orientações: Permaneça parado. Vire-se para a direita. Mantenha o ritmo de sua respiração. Olhe para um ponto na parede. Permaneça imóvel. Vire-se para a esquerda. Volte seus olhos para o mangue.



Fig. 3: Imagens do vídeo "O que podemos aprender com o mangue para sobreviver no Antropoceno?"

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=WYuHapcASrA>.

Respirar juntos e tornar-se mangue foi um gesto performático, uma ação sensorial e política. Ao sincronizarmos o ritmo de nossos pulmões com o movimento dessas raízes voadoras, aprendemos que podemos repensar nossos pequenos gestos e hábitos, interrompendo nossas formas de viver e habitar o mundo, bem como promovendo mudanças, mesmo que microgeograficamente. Também reconhecemos que há maneiras de compartilhar a força, a flexibilidade, a porosidade e a capacidade do mangue para a criação e a reinvenção da vida, mesmo quando se trata de se adaptar a materiais inesperados, como uma peça de duto.

Encontramos esse duto preto de cinco a seis metros de comprimento no solo lamacento do mangue durante a primeira visita à Colônia Z-10 e ele se tornou a base para a intervenção de Ruy. Um de nossos colaboradores, Tiago Caiçara, explicou que ele havia atravessado a Baía de Guanabara, passando pelo refluxo da maré diretamente para a foz do rio Jequiá, onde danificou alguns barcos pequenos. Caiçara pediu a ajuda dos outros para arrastá-lo para fora do rio e o colocou no chão, próximo às raízes do mangue. Ele usou uma pequena parte do duto para fazer canteiros de flores na praça principal da aldeia. O pedaço de duto que sobrou se tornou uma instalação de vídeo que reúne os sons do mangue, com uma colagem de diferentes imagens e momentos de envolvimento perceptual com a memória do vilarejo.

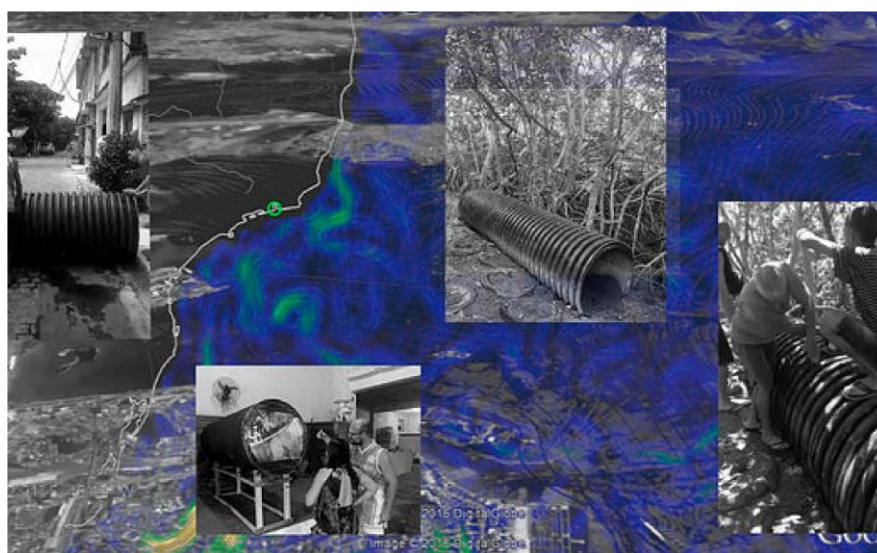


Fig. 4: Imagens de vídeo de " Videoduto". Para visualizar o processo de criação e exibição.
Link: <https://www.ruycezarcampos.com/videoductessay>

Para a criação da videoinstalação, Luiz Antônio (L.A.), um dos poucos pescadores mais jovens e respeitado pelos mais velhos, participou de uma caminhada performática e de um momento de gravação de som pelo mangue para formular perguntas a serem feitas quando entrevistássemos os pescadores mais tradicionais, Sr. Geraldo (G) e Sr. Zuca (Z). Ao fazer isso, evocamos, provocamos e entrelaçamos histórias e memórias intergeracionais dispersas desse lugar, pois eles se lembraram da época em que o mangue foi inundado pelo derramamento de óleo de um navio iraquiano, em 1975.

(L.A.): Você se lembra de ter visto algum lixo estranho do seu passado? (G.): - Claro que sim! (Z.): - Sim! (G.) - Houve uma vez em que isso queimou. - Houve um incêndio. Um incêndio enorme aqui em... 1974, certo? (Z.): - Sim. (G.): - Em 1974. Um grande incêndio, sim. Alguns navios... .. da Petrobrás... (Z.): - Derramou óleo! (G.): - É, derramou um pouco de óleo. Esse óleo era preto e invadiu este lugar. As águas sofreram, aqui no mangue. Esse mangue, daqui até ali, até ali, não estava aqui. Era areia. O mangue era desse ponto até aquele ali. Isso destruiu tudo. Por quê? Houve um desentendimento ou algo assim. O fogo começou aqui. (Z.) - Foi uma confusão! (G.) - Ficou tudo destruído aqui. As pessoas estavam tentando sair.



Fig. 5: Videoduto: Memória do Lixo

Link: <https://takemetotheriver.net/object-of-abuse/videoduct-trash-memory>

Eles também nos contaram que, no ano 2000, o rompimento de um duto causou um grande derramamento de óleo na Baía. Um mês depois (e após o término de nosso

laboratório), devido a outro vazamento de óleo, os pescadores foram à televisão para exigir a atenção das autoridades para a saúde das águas da Guanabara.

Esse tipo de narrativa petro-política (desencadeada pelo encontro inusitado com a peça de duto), bem como o caminhar, respirar e sentir junto com as crianças, os jovens da Colônia Z-10 e com as entidades não humanas que compõem esse território (como o mangue, o rio, as marés, o lixo, o cheiro, a poluição, os barcos, os pássaros etc.), foram a base de nossas mediações artísticas nesse território. Dessa forma, nossos gestos passaram do *embodiment*| corporificação ao *emplacement*/territorialização, ou seja, do corporificar ao territorializar: uma forma de criação de território que foi afetada por uma experiência performativa e sensorial compartilhada feita dentro da Colônia. Tanto para os artistas-pesquisadores quanto para a comunidade, essas experiências corporificadas melhoraram a compreensão desse território, de seu passado ecológico e de suas memórias atuais. A maioria dos moradores que trabalharam conosco nunca havia visitado o mangue em seus quintais e essas experiências foram as primeiras a reconhecê-lo em uma abordagem ecológica, dando atenção especial à interconexão entre agentes individuais, comunitários e não humanos. Isso também pode ser visto como um ato artístico-político e pedagógico, como as formas pelas quais a vida segue, apesar do fato de vivermos nas zonas de sacrifício do Antropoceno.

Ilha de Paquetá: relação entre corpo, lugar e decadência.

Durante o laboratório em Paquetá, Cesar Baio³ e Nathalie Fari criaram intervenções sutis com o objetivo de tornar visíveis algumas das narrativas ocultas da ilha. Usando abordagens diferentes, porém complementares, eles analisaram como a relação entre corpo e a tecnologia (nesse caso, o dispositivo tecnológico de uma câmera) afeta não apenas a experiência perceptiva de cada um, mas também as maneiras pelas quais as imagens evoluem. Primeiro, para dar uma ideia da experiência de Nathalie: ao mesmo tempo em que teve uma percepção da ancestralidade indígena da ilha, especialmente devido a um trabalho somático e performático que ela facilitou aos participantes do projeto (com base na prática de meditação em movimento dos 5 ritmos e também na improvisação), ela também criou uma série fotográfica em colaboração com um

³ Grant 2018/24452-1, São Paulo Research Foundation (FAPESP)

membro local da comunidade, na qual encenava a posição de deitar (ou de estar morta) em diferentes pontos da ilha para (re)imaginar um processo de devastação e decadência. (veja aqui o link para uma performance de vídeo de oito minutos inspirada nessa ideia, especialmente no chamado "cemitério dos pássaros": <https://vimeo.com/494112703>).



Fig. 6: "Cemitério dos Passarinhos", Foto de Alessandra Melo

Essa experiência ou sua abordagem somática, orientada para o local e documental da prática da performance está em sintonia com o conceito de Ben Spatz (2017) de "*embodiment* como primeira possibilidade". Ancorado na noção de possibilidades⁴ de Gibson (1979), Spatz dá um passo adiante, ponderando sobre o que mais a corporificação pode ser e fazer por nós, além das abordagens já aceitas da dissolução da divisão entre corpo e mente, ou o fenomenológico "corpo vivido". Em vez de apenas enfatizar como o corpo adquire e sedimenta uma técnica específica, por exemplo, ao se envolver com um lugar específico, Spatz tenta colocar a incorporação na junção entre ecologia e tecnologia. Ele afirma:

⁴ No artigo de Spatz, essa noção é explicada como: 'aquelas possibilidades que um determinado ambiente físico "oferece", "proporciona" ou "fornece" a um "animal" que vive nele.' (2017, Spatz, p. 259). Revisão do inglês por Nathalie S. Fari, candidata a doutorado na Academia de Música e Teatro da Universidade de Gotemburgo

Nossos corpos, em outras palavras, são uma zona intermediária - uma dobradiça, pivô ou junção - entre o ecológico e o tecnológico. (...) É somente com o reconhecimento do urgente desequilíbrio entre ecologia e tecnologia que temos motivos para priorizar a incorporação como a frágil junção entre esses domínios. À luz desse desequilíbrio, a incorporação não é um recurso qualquer, mas o primeiro recurso, o recurso a partir do qual pode ser possível reorganizar a relação entre tecnologia e ecologia. (Ibid, p. 267)

Ao tentar manter essa zona intermediária, devemos estar cientes das tensões (ou discrepâncias) que podem surgir na junção descrita por Spatz, ou seja, entre o objetivo de buscar uma prática artística e/ou incorporada e as urgências de uma crise ambiental que mal pode ser expressa em imagens ou palavras. No caso da ação de Nathalie, isso pode implicar que, embora ela tenha se esforçado para incorporar e retratar a ecologia específica de Paquetá, não se pode garantir que sua intenção tenha restaurado alguns dos desequilíbrios ambientais da ilha (isso provavelmente pode ser aplicado a todas as outras ações). No entanto, as imagens de seu corpo deitado em meio aos cantos e bordas de Paquetá trouxeram à tona não apenas os resquícios do status paradisíaco da ilha, mas também seus problemas mais recentes com resíduos, poluição e toxicidade. Em seu trabalho, as ações do corpo reconectam a tecnologia a uma ecologia e, ao fazer isso, a artista encontra suas próprias maneiras de passar da ideia de corporificar para a de territorializar.



Fig. 7: Documentação da obra de arte "Obliterações", Foto de Alessandra Melo
Link: <https://www.territoriosensíveis.com/galeria-z42>.

Enquanto o trabalho de Nathalie criou imagens que alteraram o senso de lugar, destacando assim sua importância para o imaginário de um território, no trabalho de César o nó entre a tecnologia e os ecossistemas está nos objetos residuais que são produtos industriais. Intitulado "Obliterações", o trabalho de César teve como ponto de partida a investigação das maneiras pelas quais os habitantes se relacionam tanto com o lixo encalhado na praia quanto com a própria praia. Para isso, um grupo de habitantes da ilha juntou-se ao artista em uma série de caminhadas ao longo das praias, a fim de abrir seus sentidos para a areia, especialmente para a visão de navios, plataformas de petróleo e o lixo flutuante atracado na praia. A próxima etapa foi permitir que o grupo procurasse objetos perdidos que pudessem ser usados para cobrir partes das paisagens visíveis. Quais partes da ilha deveriam ser vistas e quais não deveriam ser vistas?

Em seu trabalho, essas entidades não humanas são reutilizadas mais uma vez para se tornarem parte de uma construção tecnológica e ecológica diferente, e é assim que sua proposta artística encontra uma maneira de alterar o senso de lugar (por meio do territorializar) de um modo fortalecedor. No caso de César, isso aconteceu por meio de um corpo que se relaciona com um objeto como parte de um mundo ainda a ser conhecido e construído. Dessa forma, a ação artística deu significado ao que antes era um produto industrial e agora é um objeto homogêneo e impessoal, livre de qualquer subjetividade anterior ao estado de objeto descartado.

Uma questão central da teoria "*embodied mind theory*" é a recusa da separação entre percepção e ação. Assim, uma vez que a percepção e a ação evoluíram juntas, dependendo uma da outra, a encenação se transformou em um conceito fundamental para entender a maneira como nos relacionamos com o mundo (Varela et al., 2016). A partir dessa perspectiva incorporada, conhecer o mundo significa agir sobre ele. Em Obliterações, o lixo encontrado tornou-se uma forma de produzir conhecimento e de agir sobre o mundo, ou o que Pasquinelli (2006, p. 235) considerou um "objeto viável" em referência ao conceito de objeto "praticável" de Merleau-Ponty.

Com esse objeto encontrado, é possível criar uma paisagem imaginária que não é nem uma cena da vida cotidiana nem a miragem idílica vista pelo viajante. No momento em que essa paisagem surge, ela incorpora o sujeito que a inventou, ao mesmo tempo em que realoca o estado do conhecimento sobre o lugar e o sujeito. O corpo do objeto

encontrado, aquele que compõe a paisagem observada e aquele que é o sujeito da experiência, gera um novo espaço. Embora efêmero, o que é gerado nesse momento já mudou o status do lugar, e as cenas do que emerge estão documentadas nas fotografias mostradas na obra de arte. Apesar de usar a fotografia como mídia, essa obra de arte não pretende criar uma representação do mundo, de um sujeito ou de uma comunidade, mas sim construir um espaço a ser habitado pelos artistas, colaboradores locais e membros da comunidade. Um lugar tão vasto e perene quanto o próprio ato artístico.

Considerações finais: emaranhamento com territórios incorporados

Uma das principais intenções de nossa escrita colaborativa foi exemplificar como as ações mencionadas acima nos ofereceram diferentes maneiras de corporificar um território/lugar ou, como Sara Pink (2015) perguntaria: "Como podemos aprender a ocupar ou imaginar lugares e maneiras de perceber e ser que sejam semelhantes, paralelos ou, de fato, inter-relacionados e contingentes com aqueles envolvidos pelos participantes da pesquisa?" (ibid, p. 34)

Embora não possamos dar uma resposta em nome de todos os participantes do projeto Territórios Sensíveis|Baía de Guanabara, podemos afirmar que nossos laboratórios compartilhados promoveram uma base comum para aprimorar e re-situar nossas experiências corporais, seja em relação às questões ambientais e/ou petro-políticas mais gerais da Baía de Guanabara ou, mais especificamente, às configurações passadas, presentes e possíveis futuras das duas ilhas. Dessa forma, tanto nossos processos artísticos quanto os encontros que tivemos com as comunidades locais foram fundamentais para gerar, por um lado, uma série de obras de arte e resultados de pesquisa e, por outro, um tipo de aprendizado que consistiu não apenas em aprender a ouvir e sentir um ambiente, mas também em como acessar e integrar suas múltiplas camadas de memória e história. Assim, esse processo de corporificar um território ou de se tornar "situado" possibilitou a cocriação de novas narrativas ou, melhor ainda, de novos espaços imaginários, ao mesmo tempo em que foi co-constituído por meio de algo que denotamos como afeto.

Analisando mais de perto os "encontros afetivos" que tivemos na Baía de Guanabara, podemos argumentar que, enquanto para César isso significou compreender as

paisagens familiares, porém tóxicas, de Paquetá por meio da agência não humana de objetos, para Nathalie isso ofereceu a possibilidade de acessar, por meio de seu próprio corpo, o passado mítico e esquecido da ilha. No que diz respeito a Walmeri e Ruy, diremos que, enquanto para Walmeri esse encontro teve a conotação de estar profundamente envolvida tanto com o mangue quanto com os habitantes da "Colônia Z-10", para Ruy ele representou uma abordagem baseada na etnografia para descobrir os traços de uma técnica e/ou artesanato incorporado. Ao fazer isso, todos esses encontros aprimoraram não apenas o continuum "corpo-mente-ambiente" mencionado anteriormente ou a oscilação entre corporificar e territorializar, mas também a capacitação de várias agências, sejam elas humanas ou não humanas.

A esse respeito, concluiremos afirmando que esses territórios incorporados abordaram as maneiras pelas quais uma técnica incorporada ou um conhecimento incorporado pode afetar (ou ser afetado) por um território/lugar que não é totalmente capturado nem conquistado, ou seja, um território que treina nossos corpos para serem "todos os olhos", "todos os ouvidos" e "todas as mãos". Em outras palavras, embora nossos olhos, mãos e ouvidos tenham nos ajudado a criar as ações performativas na "Colônia Z-10" e na "Ilha de Paquetá", eles também podem ter sido responsáveis por mudar algumas das maneiras pelas quais as comunidades locais percebem ou até mesmo influenciam o desenvolvimento de seus problemáticos e ameaçados ambientes.

Referências

- ARLANDER, Annette. "Introduction to future concerns: Multiples future of Performance as Research?". *Performace as Research: Knowledge, Methods, Impacts*. London: Routledge, 2017. <https://doi.org/10.4324/9781315157672>
- ALENCAR, Emanuel. *Baía de Guanabara: Descaso e Resistência*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2016.
- BISHOP, Claire. *Artificial Hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. London: Verso, 2012.
- SPATZ, Ben. 2017. "Embodiment as First Affordance: Tinkering, Tuning, Tracking". *Performance Philosophy*. VOL 2, NO 2: 257-271, DOI: <https://doi.org/10.21476/PP.2017.2261>
- HAESBAERT, Rogério. "Global sense of place and multi-territoriality. Notes for dialogue from a 'peripheral' point of view" In *Spatial Politics: Essays for Doreen Massey*, Wiley-Blackwell, Chichester, 146-157, 2013.
- Hunter, Lynette; Rose Riley, Shannon (Eds). *Mapping Landscapes for Performance as Research: Scholarly Acts and Creative Cartographies*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- KESTER, Grant. *Dialogical Aesthetics*. In: *Conversation Pieces – Community and Communication in Modern Art*. University of California Press, 2013.
- KLEIN, Naomi. *This Changes Everything: Capitalism vs the Climate*. London: Allen Lane, 2014.
- MASSEY, Doreen. *For space*. New York: Sage Publications, 2005.
- MASSUMI, Brian. *Parables for the virtual: movement, affect, sensation*. London: Duke University Pres, 2002.
- PASQUINELLI, Elena. *Varela and embodiment*. *Journal of Aesthetic Education*, 40(1), 33–35, 2006. <https://doi.org/10.1353/jae.2006.0001>
- PINK, Sarah. *Doing Sensory Ethnography*. New York: Sage Publications, 2015.
- VARELA, F. J., Thompson, E., Rosch, E., & Kabat-Zinn, J. *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*, 1–322, 2016. <https://doi.org/10.29173/cmplct8718>